

XV DOMINGO DO TEMPO COMUM

ANO C

PROPOSTA DE REFLEXÃO

NÃO BASTA SABER, É NECESSÁRIO AGIR!

A liturgia da Palavra deste domingo nos convida a refletir sobre a relação inseparável entre Fé em Deus e Amor ao próximo (Evangelho). Não basta conhecer a vontade de Deus, a Sagrada Escritura, é necessário agir em prol do próximo (cf. Mt 25,31-46). Fazer o bem está ao nosso alcance, pois o amor ao próximo, como expressão do amor a Deus, é possível (I leitura). Jesus Cristo, plenamente humano e divino, é o nosso exemplo (II leitura).

I LEITURA: Dt 30,10-14

DEUS NOS DEU A CAPACIDADE DE FAZER O BEM

O texto faz parte do terceiro grande discurso de Moisés do livro do Deuteronômio ao povo, que corresponde aos capítulos 29 e 30 do citado livro. Esse discurso é precedido por aquele sobre os efeitos da fidelidade e da infidelidade a Deus (cf. Dt 28). A essência da fidelidade a Deus deve ser manifestada na vivência do Amor a Ele. Daí a ênfase sobre o tema da obediência. Mas não deve ser estéril! Para que o amor aos semelhantes possa ser autêntico e saudável deve ser alimentado pelo amor divino. Não se trata, portanto, do cumprimento de preceitos vazios, frios, mas compromisso com um mundo melhor (o outro). Por isso, cada fiel, mais que “circuncidar o físico”, deveria circuncidar ao coração: *“para que você ame a Javé seu Deus com todo o coração e com toda a alma, e viva... colocando em prática todos os mandamentos dele, que eu hoje lhe ordeno”* (Dt 30,6-7). O amor a Deus deve ser gerador de vida porque Deus é a sua fonte. Essa vida, em consequência, se torna próspera, frutuosa e não se reduz simplesmente à vida humana, mas também se estende ao cuidado com a natureza (cf. Dt 30,9). Temos aqui uma idéia fantástica: a proclamação da dimensão ecológica do amor. O que Deus propõe aos seres humanos, por serem capazes de amá-lo e correspondê-lo, não está fora do alcance de suas capacidades (cf. Dt 30,11-13). Não se trata de um desafio, mas de uma meta possível porque Deus ao criar o ser humano já o predispôs para amá-lo e servi-lo. Os mandamentos divinos estão ao alcance das possibilidades humanas para que seja colocado em prática (cf. Dt 30,14). Para que isso seja possível a condição básica é que o ser humano se reconheça como filho (criatura divina) e se volte para o seu Criador com todo o seu coração e toda a sua alma (cf. Dt 30,10).

NOSSA VIDA

Deus que nos chamou a viver e a sermos felizes; não nos pede nada que esteja além das nossas forças; portanto, fazer o bem é possível! Amar a Deus e ao próximo está ao nosso alcance. Deus nos capacitou para fazermos essa experiência, por isso fomos criados à sua imagem e semelhança (cf. Gn 1,26). Contudo, para que possamos fazer o bem como gesto de manifestação do amor a Deus, devemos envolver-nos por inteiro: nosso coração, nossa inteligência, nossa alma... Os verdadeiros gestos de amor são conscientes (vem do coração, enquanto sinônimo de consciência, biblicamente falando), são intelectualmente saudáveis e plausíveis à razão, são dinâmicos (alma). As exigências religiosas quando são autênticas não contrariam aquilo que é essencial e saudável para o ser humano, não ofende a sua natural dignidade. Amar a Deus é algo possível e dignifica o ser humano, pois é manifestação da sua natureza transcendente; pela sua própria natureza o ser humano se volta para o infinito, para bem supremo, para a eternidade. É por isso que em situações extremas ele grita por socorro: “Meu Deus!” Enfim, o texto nos convida a fazer com que a nossa espiritualidade religiosa tenha uma dimensão profundamente moral, ou seja, que desça ao prático da vida: não pode, de modo algum, se confundir com uma vazia filosofia. A fé em Deus deve ser uma fonte que dá sentido à vida humana, inquieta a pessoa, a transforma interiormente, a compromete consigo mesma e com a construção de uma sociedade dignamente mais humana. Nessa perspectiva não é bem-vinda uma teologia fundada na idéia de “prosperidade pessoal” alienada, intimista, egoísta e sem compromissos sociais. Não foi assim a vida de Jesus!

SALMO 69 (68): este salmo é uma dramática oração de súplica de um inocente acusado injustamente. O salmista se encontra numa situação muito angustiante, se sente afundando na lama, arrastado, esgotado, humilhado, odiado, desprezado, tratado com desdém e indiferença até por seus amigos... Por isso, clama a Deus pedindo socorro (cf. Sl 69,2-9.11-14). O motivo desse sofrimento parece ser a injusta acusação de furto, mas se sente inocente, por isso confessa com transparência: *“deveria eu devolver aquilo que não roubei?”* (Sl 69,5). Confiando em Deus suplica pela bondade e compaixão divina para que seja resgatado desse sofrimento (cf. Sl 69,10.15-27). E seja feita a merecida justiça aos verdadeiros culpados (cf. Sl 69,28-37). Isso lhe seria motivo de grande ação de graças (cf. Sl 69,31).

II LEITURA: Colosenses 1,15-20

JESUS CRISTO É O EXEMPLO E A PLENITUDE DIVINA E HUMANA

Este é um dos mais importantes hinos cristológicos do Novo Testamento; resume uma série de elementos que nos revelam a misteriosa identidade de Jesus. Neste domingo, em que somos convidados a refletir sobre a consistência do nosso amor a Deus e ao próximo, o texto desta segunda leitura nos apresenta Jesus Cristo como aquele plenamente capacitado por pelo Pai para cumprir em plenitude sua missão de libertador dos pecados da humanidade (*Isso é amar!*). Jesus Cristo é o **libertador** (*quem ama liberta!*): só Ele tem o poder de resgatar a humanidade dos seus pecados: “nos libertou do poder das trevas” (Col 1,13) – ou seja, com seu exemplo de vida pautado no Amor fez-nos ver que a Felicidade está além da lógica da lei e da frieza do cumprimento de preceitos sem sentido. O Filho de Deus **preexiste antes de ser revelado a nós**: “Ele existe antes de toda criatura (Col 1,15.17); Deus sempre é! Nessa sua característica está presente a sua divindade; de fato, afirma João: “No começo a Palavra já existia: a Palavra estava voltada para Deus, e a Palavra era Deus”. “E a Palavra se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,1.14). O Amor se materializa e toma forma concreta. Concreto também deve ser o amor entre os cristãos. Jesus Cristo é a **autoridade absoluta**: “tudo Nele tem seu começo, por Ele e para Ele tudo se move, Ele é cabeça (Col 1,16,18). A autoridade de Jesus se fez serviço, ações de compaixão e promoção da dignidade humana em suas mais diversas situações. Jesus Cristo é a **plenitude**: “Deus quis habitar nele com toda a sua plenitude” (Col 1,19). Portanto, ele é a plenitude do amor, do perdão, da compaixão, da misericórdia da defesa dos pobres escravizados pela lei e por toda forma de escravidão que encontrou. O evangelista João nos diz que “da sua plenitude todos nós recebemos, e um amor que corresponde ao seu amor” (Jo 1,16). Portanto, para que possamos “amar plenamente”, dentro dos limites humanos, somos convidados continuamente a estar em comunhão com a fonte do Amor que é Deus. A plenitude do Amor gratuitamente derramou seu sangue por nós como prova do seu obediente amor ao Pai e à humanidade.

NOSSA VIDA

Jesus é a plenitude! Assim foi do agrado do Pai (cf. Col 1,19). Conforme sabemos a partir da história de Jesus presente nos evangelhos, a grandeza extraordinária do seu ser não estava em função de si mesmo. Eis sua convicção: “eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). “Eu dou a vida pelas ovelhas” (Jo 10,15). Também afirmou que não tinha vindo ao mundo para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos (cf. Mt 20,28). Em seus ensinamentos Jesus confirmou esse mesmo horizonte voltado para a alteridade. Propôs a seus discípulos a lógica da semente que morre para dar vida, pois quando se mantém conservada, permanece solitária: “**se** o grão de trigo não **cai** na terra e não **morre**, fica sozinho. Mas se morre, produz muito fruto. Quem tem apego à sua vida, vai perdê-la; quem despreza a sua vida neste mundo, vai conservá-la para a vida eterna” (Jo 12,24-25). Paulo escrevendo aos coríntios nos confirma essa meta: os dons são provenientes do Espírito de Deus, nos enriquecem, mas devem estar a serviço do Bem comum (cf. 1Cor 12,4-11). Da mesma forma podemos dizer de nós mesmos: tudo aquilo que o Pai nos deu como dons naturais e capacidades conquistadas, somos convidados a colocá-los a serviço do bem dos outros. O egoísmo é a fonte dos males do mundo nas relações humanas e o conforto egoísta tão procurado por muitos é causa de vazio existencial. À medida que colocamos nossos dons a serviços dos outros, como gesto de amor, nos realizamos! Ao contrário, quando tudo o que temos é guardado para nosso consumo pessoal, nos fechando em nosso mundo egoísta, nos frustramos, perdemos a alegria de viver. Jesus Cristo, a plenitude de todos os bens do céu, assumindo a sua missão terrena esvaziou-se a si mesmo e assumiu a condição de servo (cf. Fil 1,7), por isso Deus o exaltou na mais alta dignidade e glória (cf. Fil 2,9). A exaltação foi a resposta de Deus Pai à generosidade do Filho. Quem vive em comunhão com Ele também participará da mesma sorte, a sua glória! (cf. Rm 8,17).

EVANGELHO: Lucas 10, 25-37

AMAR A DEUS AGINDO EM PROL DOS NECESSITADOS

A parábola do bom Samaritano é uma resposta que Jesus deu a um especialista em leis, que com a intenção de colocá-lo à prova, perguntou-lhe: «*Mestre, o que devo fazer para receber em herança a vida eterna?*» (Lc 10,25). O teólogo manifestou-se conhecedor das escrituras sagradas individuando seu núcleo central e a síntese dos mandamentos e preceitos: Amar a Deus com todo o coração, com toda a alma, com toda a força e com toda a mente; e ao próximo como a si mesmo (cf. Lc 10,27). Todavia, tinha uma grande dificuldade: a prática disso! (cf. Lc 10,28). A questão central da narração é esta: “quem é o meu próximo?” (Lc 10,29). Na parábola Jesus nos apresenta alguns nobres ensinamentos: de nada vale o saber (conhecimento) se não tiver uma dimensão prática. O mais nobre “saber teológico” (conhecer o que Deus quer de nós!) é a assimilação e a vivência concreta da caridade. A postura do sacerdote e do levita na parábola (que vêm e passam adiante pelo outro lado!) denuncia frieza, distanciamento e total insensibilidade para com o sofrimento humano (cf. Lc 10,31-32). Fé e culto distante da vida! O sacerdote tinha uma função mediadora entre Deus e o povo. A atitude de “ver” o necessitado e “passar” pelo outro lado revela uma ruptura da própria vocação (chamado a ser ponte!) e estar a serviço

(função) que deveria prestar (próximo). Deixando de lado o “caído” e evitando o contato com ele, ambos, sacerdotes e levitas (servidores do santuário que estavam a serviço da fé do povo no templo ou em lugares de culto) denunciam a inconsistência da própria fé, revelam que o culto que prestam não tinha nenhum significado diante de Deus e, por isso, estavam, na prática, muito distantes dos ensinamentos dos profetas (cf. Is 1,10-17). Outro agravante é que ambos religiosos (sacerdote e levita) estavam vindo de Jerusalém, ou seja, retornavam do culto e tinham certamente concluído seus momentos de preces e louvores a Deus, mas continuavam de coração vazio e insensível, como foi demonstrado com suas atitudes. A atitude digna de elogio veio de um samaritano que, apesar da antipatia histórica para com os judeus, de estar em território alheio e em viagem, manifesta-lhe toda a sua compaixão rica de atitudes (cf. Lc 10,33-34). Note-se que entre judeus e samaritanos não havia um bom relacionamento. A causa dessa animosidade era histórica, deste o século X quando após o reinado de Salomão, o povo se dividiu: dez tribos se separaram de Jerusalém sob o comando do líder Jeroboão proclamando a cidade de Samaria como a capital do Reino do Norte. Séculos depois, após a dominação assíria, Samaria tornou-se sinônimo de ambiente de proliferação de cultos pagãos por causa da aceitação de casamentos com mulheres de outros povos. Para os judeus, os samaritanos não eram dignos de serem judeus por causa desse sincretismo religioso (mistura) e por isso eram odiados e desprezados. O samaritano da parábola representa o mundo daqueles que “teoricamente” estão “distantes” da “verdade e da fé”, mas na prática estão em profunda sintonia com a vontade de Deus por causa da bondade do coração e do bem que fazem.

NOSSA VIDA

A narração da parábola do bom samaritano nos quer passar muitas mensagens e bem concretas. O nosso “próximo” não é aquele que vive ao nosso lado, nosso vizinho, nosso parente ou amigo. O nosso próximo é aquele que necessita de ajuda, tenha ou não algum vínculo afetivo conosco. O próximo, pode estar perto ou distante; seja como for, é aquele que está na condição de necessitado, sofrendo, em perigo de vida, “machucado”, “ferido”, desprezado, desfigurado em sua dignidade... e que está ao nosso alcance ajuda-lo! Próximo é quem não tem história, nem nome, nem voz, nem rosto. O próximo da parábola é um anônimo... isso nos quer ensinar que para podermos fazer o bem a alguém, basta que seja humano e necessitado; para receber ajuda (gestos de solidariedade) não precisa ser reconhecido nenhum status derivado de classe social, etnia, nação, religião etc. O nosso próximo é aquele que, sem ser previsto, aparece à nossa frente fisicamente violentado ou doente, psicologicamente combalido, socialmente solitário, economicamente fracassado ou explorado, moralmente errante... O ensinamento da parábola nos convida a nos fazermos próximos uns dos outros. Mas como?

a) Reestruturando nossas preocupações: isso é o redimensionamento da nossa escala de valores, reorganizando de acordo com as necessidades a ordem das nossas prioridades. Somos chamados a priorizar a relação com o ser humano! No texto bíblico aparecem algumas categorias de pessoas profundamente comprometidas com seus afazeres, mas não tinham o amor por primazia (cf. sacerdote, levitas, fariseu...). O “samaritano”, sim! Deu prioridade ao ser humano!

b) Educando-nos para a sensibilidade: o samaritano é sensível, por isso, viu (um desconhecido, necessitado, desfigurado...), sentiu (compaixão), aproximou-se (foi ao encontro), cuidou (fez curativos, colocou óleo e vinho nas feridas...), pagou... Esse texto tem uma grande sintonia com Êxodo 3,7-8 onde aparecem os verbos: ver, ouvir, conhecer, descer, libertar... O amor não é teoria, deve ser prático, envolve os sentidos, o afeto, exige decisão, movimento, responsabilidade...

c) Agindo em vista de transformar da vida do outro: não basta “fazer curativos” (descarregar o peso da consciência com ações paliativas, dando esmolas...), é necessário desenvolver processos de mudanças, comprometer-se no processo de transformação da realidade do outro (e da sociedade) em vista da recuperação da sua dignidade ofendida. Isso é um compromisso que exige firmeza, perseverança, contínuo aprofundamento e mística que tudo sustenta.

d) Descendo do “próprio jumento”: o bem tem um preço. O samaritano assume as despesas do próximo e paga a conta; para fazer o bem, às vezes, é necessário assumir o incômodo da responsabilidade pelo outro e deixar a mania de procurar um culpado! Coisa que o samaritano não fez! Para podermos fazer o bem a um necessitado precisamos apear, “descer do próprio jumento”, ou seja, sair do nosso status, abandonar a própria zona de conforto e a indiferença, sair do criticismo vazio (por os pés no chão!)... qual é o nosso “jumento”? É aquilo que nos distancia dos outros, dos mais necessitados e que estão mais próximos de nós!

MENSAGENS E PROPÓSITOS

1. Não temos desculpas para não fazermos o bem. Deus nos capacitou para sermos capazes de Amar e reconhecê-lo.
2. O egoísmo nos leva a reter para nós os dons que Deus nos deu para serem colocados a serviço dos outros... É necessário nos exercitarmos a “dar da nossa plenitude”...
3. Amar a Deus é agir em prol dos necessitados. Mais que dar coisas... somos convidados a ser sensíveis!